

O MEU PAI

Com o século fica-me o velho.

Foi um Pai tardio com o amor por alibi, minha Mãe era catorze anos mais nova. Esperou-a sem pressas e, ao contrário de Neruda, não gostava de o confessar mas eu sei: aproveitou para gozar a vida com o prazer lento e sovina dos miúdos que saboreiam gelados fervorosamente apetecidos. Saborear...; ora aí está um verbo adequado aos meus sentimentos por ele enquanto criança!

Vê-lo com quarenta e tal quando o amanhã parecia bem mais longínquo e incerto do que a régua da professora foi problemático. Se o meu futuro — e os consequentes privilégios... — registava um atraso assinalável, agravado pelas frases arrogantes de adultos já esquecidos da febre do crescimento, o do velho era duvidoso, receava-lhe o ocaso antes da minha navegação. E a imagem não é inocente, eu apenas o percebia no horizonte, saboreava-o antecipadamente. Filho único, soberano prisioneiro de Mãe vigilante e Avó solitária, vezes houve em que suspeitei de estratégia de sobrevivência masculina: ele mantinha-se ao largo por me ver ilhota rodeada de muitas saias. Além disso havia o laboratório, as aulas na Faculdade, a memória de um bisavô ilustre para cuidar...

Sei lá?, pois se o homem ainda tinha tempo para conspirar contra o economista rural de Santa Comba, democraticamente vilipendiado por todos nós, republicanos e ortodoxos! Os putos cultivam astúcias dolorosas, inventam razões para não arriscarem viagens de chegada amarga, por que raio está a gare vazia de braços abertos devidos? Por mim não tinha dúvidas: crescesse eu e a cumplicidade brotaria, tão certo como partilharmos o mesmo nome.

Só na adolescência me apercebi da barreira que nos separava, amar alguém não chega, é preciso que os estilos de oferecer carinho sejam compatíveis, ou a ternura chora, de tão clandestina. Fomos esse tipo de casal, mas o silêncio, embora longo e pesado, era cúmplice, percebíamos o afecto do outro, esperávamos apenas que desabrochasse à nossa moda. Preguiça ingénua e ditatorial, «o Senhor, o acaso ou a inteligência o iluminem, eu cá o acolherei e a mais não sou obrigado», ninguém se fez ao caminho ou reviu posições sobre a matéria. Creio hoje que para ambos foi penoso, mas nesse tempo sentia-me prático baixo da balança e acreditava sinceramente que ele ditava as regras do jogo, a minha timidez não permitia que entrevisse a sua. À infância fui buscar o amuo, se punha distância entre nós, a ele a obrigação de a transpor, eu esperaria; mas não de mais. Amámo-nos assim, com punhos de renda e pinças. Como sempre acontece, o hábito acabou por nos invadir e a espera substituiu a chegada, nenhum de nós iniciou viagem. Ficámos em terra. Ombro a ombro e sem abraços; naufrágio em doca seca.

As mulheres sabem; sempre. Minha Mãe esperou, mas quando acabei o liceu rendeu-se à incompetência afectiva dos homens da sua vida e decidiu chegado o tempo de medidas severas, por decreto matriarcal ele passava a encarregado de educação. Fomos ao cinema juntos e adormeceu; nas Antas aplaudiu um golo do Benfica na bancada de sócios do FCP e estranhou os impropérios dignos de um Miguel de Vasconcelos que lhe foram dirigidos; nas raras incursões fora da cidade, aflito,

lamentava-se: «mas onde se pode comprar jornais? Deixar a civilização é grave.» Declarei-o irrecuperável. E assim escondi no bolso a mão que lhe poderia ter estendido e uma falta de jeito em tudo semelhante à dele, era mais fácil a autocomiseração. De novo em silêncio, decidimos cultivar um amor adulto. Parcimonioso. Feito da saudade do que não acontecera.

Terminações da lotaria ou lugares secundários no pódio não faziam parte dos planos de meus filhos, viesse o jackpot! Perante o meu horror invejoso atacaram o velho de imediato e sem repouso. Trepavam-lhe para o colo e exigiam a sua presença em brincadeiras assassinas para as alcatifas, eu adivinhava a recusa amável mas firme do antigamente e ela não surgia, o Pai reticente gerara Avô folgazão! E um ciúme envergonhado e ternurento me invadia: eis o que sonhara. Sem mim e trinta anos depois, mas o que sonhara.

Divorciado, vivi em família como poucos todos estes anos, gostosamente ensanduichado entre pais e filhos, os receios da infância foram dando lugar a uma convicção supersticiosa que nem a morte de minha Avó abalou: os Machado Vaz nunca teriam de enfrentar lugares vazios à mesa. Na pior das hipóteses, imaginava os meus Pais à cabeceira, docemente se apagando. Talvez um dia sesta mais prolongada e nós, por respeito e carinho, sem os acordarmos — «deixá-los dormir, rapazes, viveram amor feliz e com ele partiram» —, pois não falamos do sono eterno? E eu maduro, adulto, preparado, sem lágrimas escondidas, os miúdos já com as respectivas famílias, crianças pela casa em idades ainda fáceis de contentar, «os bisavós foram para o Céu republicano».

Rebusco a papelada e encontro páginas velhas de três anos, escrevo-as quando preciso de ver a alma ao espelho: «O Pai adormece devagarinho, morre suavemente, não nos dá hipótese de protesto ou incitamento. Eu, pelo menos, não o farei. Separados desde sempre por dois estilos diferentes de gostar, une-nos a convicção inabalável de que nem todas as mortes

servem, pois não se trata de viver mais um par de meses a todo o custo ou decidir se uma eventual dor está ao alcance da farmacopeia médica. Demasiadas vezes o fim nos surpreende, malas e despedidas por fazer. Mas se a velha dama risonha de que fala a canção de Neil Young é complacente, devemos aproveitar e morrer como tentámos viver — com dignidade e uma réstia de elegância. O Pai abomina a cadeira de rodas apesar da fissura óssea e sente-se humilhado pelas neças da memória. Sobreviver à autonomia física e a uma agilidade mental que sempre constituiu o núcleo do seu amor-próprio parece-lhe, creio, obsceno. Estou de acordo. Por isso desempenho o papel de grilo falante sem convicção, quando me sorri um sorriso fatigado e complacente meto a viola no saco e apetece-me dar-lhe a mão. Como fazia aos miúdos nas primeiras vezes que atravessaram ruas sozinhos e eu vigiava a caminhada, eles acenavam-me do outro lado. Assim os pudesse o velho imitar, para que o soubéssemos bem! Talvez melhor, agora está vivo mas sem a sua vida, não me sinto no direito de lhe chamar egoísta por nos abandonar. Aceito-lhe o pudor, o medo de ser recordado em tons baços e não de sorriso aberto, cigarro e humor em riste, discurso florentino, histórias assegurando a lenda familiar. Compreendo-o, também não gostaria de sobreviver a mim próprio.»

Imagino-lhe o aceno de aprovação, sobretudo agora, quando assistimos às primeiras trocas de mimos por causa da eutanásia. O respeito pela vida... Mas qual? Se não acreditamos que ela nos é dada — ou emprestada? — pelo Senhor, restamos acreditar que começa e acaba connosco. A Vida em abstracto não existe, «apenas» vidas humanas. E o respeito por essas, por nós, que delas somos garantes e fazedores, quem o deve decidir à revelia da nossa dignidade? Não basta garantir o controlo da dor física que atormenta alguém, muito menos rotular de sintoma psiquiátrico ou cobardia o que flui de lucidez diversa da nossa. Respeitar o outro, alguns dos ou-

tros, passa por aceitar que considerem a morte como parte integrante do seu projecto de vida e não a simples linha isoeletrica em visores de máquinas sem vontade própria, mas capazes de impedir o corpo de seguir a alma. Esses, com razão ou sem ela aos nossos olhos, podem decidir um dia que chegou a hora de partir, antes de se tornarem caricaturas de quem foram. Discutir se a Sociedade os deve ajudar em situação de impotência é seguramente necessário e angustiante, mas soterrá-los sob o anátema de não respeitarem a vida que acarretam e construíram é de uma arrogância atroz.

Meu Pai não teve sorte, os últimos dois anos foram terríveis. Quando me confidenciou, pela primeira e última vez, que estava muito fatigado, percebi que se despedia e poupei-nos a banalidades de mau gosto. Segurei-lhe a mão, tarde e a más horas, com mais de trinta anos de atraso. Ainda e sempre desencontrados, apagou-se na minha ausência, poucos minutos antes de eu chegar. Essa pequena distância de espaço e tempo resumiu a nossa vida.

Cumpri os rituais. E esperei, há apatias que não enganam. Oito meses volvidos, estamos juntos como nunca estivemos. O silêncio mantém-se, mas não a distância, levo-o ao colo dos neurónios para todo o lado. O Avô que ele, neto favorito, venerava, escreveu um dia que só quando a nossa Mãe morre abandonamos verdadeiramente a infância. Não sei, a minha ainda atende o telefone à noite, quando faço a ligação que meu Pai não dispensava, «Maria, venha falar ao nosso filho». É verdade, não posso dizer se abandonarei a criança que ainda sou. Mas, arriscando embora um franzir de sobrolho do velho pela heresia de discordar do omnipresente antepassado, não acredito. Porque o meu Pai foi-se com as águas de Março e tenho sido obrigado a consolar o adolescente orgulhoso que preferiu não correr riscos.

Não deixarei morrer nada do que fui dentro de mim, preciso desesperadamente da memória para seguir em frente.